

Virginie Ruppin<sup>1</sup>

# Os cursos híbridos com recursos eletrônicos na formação complementar para o ensino de artes plásticas: uma ferramenta útil? Para quais desafios?

**Digital hybridization of plastic arts courses in Master teaching: a tool, a means? For what issues?**

**L'hybridation numérique des cours d'arts plastiques en Master enseignement: un outil, un moyen? Pour quels enjeux?**

## Resumo

Diante do contexto da crise sanitária mundial, nossa pesquisa começada a quatro anos a respeito da questão de como conciliar o ensino das artes plásticas e sua prática em meio a formação do futuro professor do ensino regular a medida em que gradativamente as horas do curso presencial foram se reduzindo, é ainda mais um assunto atual. De fato, no presente, os cursos universitários se realizam à distância. Nosso estudo contempla, então, a questão da qualidade e do conteúdo do curso à distância para a efetivação de práticas plásticas entre os estudantes, futuros professores. A redução da carga horária desse ensino nas últimas décadas coloca em questão a legitimidade, os desafios e o lugar da prática plástica do professor em formação. Da mesma forma, mudanças e desafios nos métodos de ensino, em particular com o surgimento de treinamentos híbridos com o uso de tecnologia digital, questionam mudanças na postura do formador.

## Abstract

In the context of the global health crisis, our research started four years ago on the question of how to reconcile the teaching of the plastic arts and their practice within the training of the future teacher of schools when there is less and less hours of face-to-face lessons is all the more a topical subject. Indeed, at the present time, university courses are conducted remotely. Our study thus raises the question of the quality and content of the distance course in order to bring about plastic practices among students, future teachers. The hourly decline of this teaching over the past few decades questions the legitimacy, the stakes and the place of the student's plastic practice. Likewise, the changes and challenges of teaching methods, particularly the emergence of hybrid training through the use of digital technology, question posture changes in the trainer.

## Résumé

Dans le contexte de crise sanitaire mondiale, notre recherche commencée il y a quatre ans concernant la question de comment concilier l'enseignement des arts plastiques et leur pratique au sein de la formation du futur professeur des écoles lorsqu'il y a de moins en moins d'heures de cours en présentiel, est d'autant plus un sujet d'actualité. En effet, à l'heure actuelle, les cours universitaires se font à distance. Notre étude pose ainsi la question de la qualité et du contenu du cours à distance pour faire advenir des pratiques plastiques chez les étudiants, futurs enseignants. La diminution horaire de cet enseignement depuis ces dernières décennies met en questionnement la légitimité, les enjeux et la place de la pratique plastique de l'étudiant en formation. De même, les mutations et les enjeux des modalités d'enseignement notamment par l'apparition de la formation hybride par l'utilisation du numérique interrogent les évolutions de posture du formateur.

**Mots clés:** Hybridation numérique, Enseignement universitaire, Master enseignement, Arts plastiques.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Educação. Pesquisadora associada ao Laboratório ECP Educação & Políticas. Professora de Artes Plásticas. Encarregada do curso na Universidade de Lyon. Site do laboratório: <https://recherche.univ-lyon2.fr/~vruppin/> ORCID: 0000-0002-6828-2820

## Introdução

Quando analisamos as diferentes reformas francesas que marcaram a transição da Escola Normal (com a criação do ensino de artes plásticas em 1972) para o Instituto de Formação de Mestres em 1990, com um ensino de cerca de 25 horas de artes visuais<sup>1</sup> por ano para os estudantes em formação, depois, de Instituto à criação das Escolas Superiores do Professorado de Educação em 2013 com um ensino atualmente de cerca de 10 a 12 horas de artes plásticas por ano, podemos nos perguntar como os professores de artes plásticas conseguem, com a metade do tempo, ensinar aos alunos não especialistas a mesma disciplina fundamental. Esta preocupação é tal que a formulação desta pergunta encontrou seu caminho naturalmente no discurso de um professor em entrevista.

Até que ponto os professores podem fazer com que seus alunos pratiquem as artes plásticas e quais lógicas são oferecidas a eles em um contexto de redução do volume de carga horária dos cursos?

## Contexto

As pesquisas realizadas no Instituto Francês de Educação - ENS Lyon e a implementação da plataforma NéopassSup indicam um progresso considerável e notável na análise do ensino superior. De fato, os instrumentos mais utilizados podem ser vistos ali: o curso em formato de conferência/palestra, o curso tutorial, o curso de pedagogia inversa, o curso de ensino à distância. A respeito deste último, como podemos prever o ensino das artes plásticas através da prática, à distância?

Debruçamo-nos sobre uma disciplina e uma particularidade pedagógica que ainda não foi abordada por esta plataforma. Assim, parece relevante saber como transmitir e adequar as artes plásticas para dentro de um dispositivo pedagógico totalmente à distância ou híbrido (ou seja, misturando tanto cursos presenciais quanto à distância).

A este respeito, Caroline Ladage discute em seu artigo publicado em 2016 na Revista Internacional do Ensino Superior e intitulado "Hibridação no Ensino Superior", que a diversidade das formas de hibridização, dos atores e dos desafios institucionais no ensino superior "tornam qualquer esforço de ancoragem teórica e metodológica das pesquisas difícil". Entretanto, tentaremos delimitar este assunto incontornável, especialmente em um contexto da atualidade em que os cursos à distância são necessários e desenvolvem-se, com atenção específica no que tange a apropriação da prática das artes plásticas.

Para melhor analisar esta tendência, nós desejamos compreender as razões para esta escolha retomando os textos fundadores. O uso de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) com objetivo de melhorar a qualidade da educação tem sido constantemente abordado pela UNESCO, a partir da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior de 1998. Ela deu ênfase à criação de novos ambientes pedagógicos propondo "instituições e sistemas virtuais de ensino capazes de superar distâncias e estabelecer sistemas educacionais de alta qualidade" UNESCO (2002, p. 88).

---

<sup>1</sup> Em 2002: nova designação "artes visuais".

Mais recentemente, a UNESCO recomendou “apoiar a plena integração das TICs e promover o ensino aberto e à distância para atender à crescente demanda pelo ensino superior” (2009, pp. 11-12).

O ensino classificado como “à distância”, estudado por Geneviève Jacquinet-Delaunay e Elisabeth Fichez em 2008 (estudo intitulado A Universidade e as TICs : crônica de uma inovação anunciada), em que as dificuldades e consequências foram apontadas, não parece atender às expectativas dos estudantes, ao contrário do dispositivo pedagógico híbrido, se nos referirmos ao trabalho de Françoise Paquiénéguy e Carmen Perez-Fragoso, publicado na revista *Distances et savoirs* (2011), sobre a questão da hibridização de cursos e a integração de medida para produzir.

O objetivo de nosso estudo é aprofundar a forma pela qual as recomendações ministeriais e institucionais que impactam educadores e estudantes podem ser articuladas à dimensão do fazer, da prática plástica. E em que medida as eventuais mutações de lógicas e paradigmas contribuem para a mudança na postura do professor.

Nós entendemos por recomendações ministeriais, a dupla possibilidade institucional, por um lado, a de preparação para a prova oral pré-profissional opção de artes plásticas no concurso para o recrutamento de professores escolares e, por outro lado, a de formação inicial de futuros professores com vistas a sua eficácia e eficiência na área. Este contexto questiona a legitimidade e os desafios de uma formação em artes plásticas. A presença de uma capacitação nas artes plásticas gradativamente se reduz de reforma em reforma, ainda se reivindica uma legitimidade? O ponto de tensão foi alcançado com - entre outras coisas - o aparecimento de cursos híbridos? Quais são os desafios postos aos os professores e aos estudantes?

Que escolhas devem ser feitas por um estudante que faz o concurso para professores escolar: deve ele orientar sua formação em mestrado em docência de forma a se preparar para o concurso, dando prioridade a cursos cujo conteúdo sejam focados nas provas do certame ou deve ele se concentrar em cursos com vistas à sua aplicação na área de atuação? Deverá o estudante fazer uma escolha entre uma lógica de concurso e de rentabilidade temporária para passar nos exames ou entre uma lógica de capacitação a longo prazo, relativa à sua carreira docente? Haverá mudanças de um paradigma para o outro? Haverá compromissos?

O professor também deverá fazer uma escolha, a fim de otimizar suas 12 horas de módulo de curso de arte? Entre fazer o máximo de alunos realizar o exame oral para que possam apresentar sua sequência de artes visuais para a prova pré-profissional do concurso, ou entre os fazer praticar e experimentar as noções plásticas do programa de ensino de artes plásticas para que eles sejam confrontados com os principais campos de questionamento das artes visuais e suas problemáticas plásticas? Em outras palavras, eles podem integrá-los suficientemente, para que possam então mobilizar seu próprio aprendizado na apropriação de uma verdadeira prática criativa reflexiva de seus alunos, ao contrário do “à maneira de” e em oposição às práticas ocupacionais e manuais que ainda são encontradas com demasiada frequência na análise da área.

### **Metodologia e marco teórico**

Nossa problemática faz parte de uma pesquisa iniciada em 2016 com uma reflexão produzida, por um lado, por nove professores das escolas<sup>2</sup>, estagiários e recém titulados, sobre seu modo de considerar o seu ensino de artes plásticas (nós realiza-

mos observações de sala de aula, de fotografias das produções plásticas dos alunos, da análise do conteúdo de entrevistas com professores escolares) e, por outro, uma reflexão produzida a partir da análise de entrevistas realizadas com seis professores de artes plásticas que trabalham em várias academias francesa sobre a sua maneira de abordar o ensino dentro de um contexto em constante mutação. Nossa contribuição se concentra particularmente nesta segunda parte. Mas nós veremos durante a reflexão, um se alimenta do outro e vice-versa.

Utilizamos uma metodologia qualitativa, fundada na análise do conteúdo das entrevistas, em que cada professor foi interrogado em duas entrevistas com duração entre uma hora e uma hora e meia, com aproximadamente cinco meses de intervalo entre elas, a fim de verificar eventualmente se houve alguma mudança nos conceitos iniciais ou nos elementos que não haviam sido mencionados na primeira entrevista.

Com relação ao marco teórico utilizado, a noção de hibridização digital no ensino, dos cursos híbridos, é entendida como um dispositivo pedagógico, ou seja, que reúne todos os elementos que contribuem para a situação de aprendizagem, combinando cursos presenciais com um professor diante dos alunos e os cursos remotos, realizados por meio de uma tela digital em que o professor propõe um programa de aulas síncrono ou assíncrono.

Em um modelo de formação síncrona, o intercâmbio com os outros alunos ou com o professor ocorre em tempo real, por chat ou videoconferência, por exemplo. Aulas síncronas permitem igualmente compartilhar aplicações e interagir com elas no momento em que o instrutor lhes dá acesso ao documento compartilhado, por exemplo.

Em uma formação assíncrona, os intercâmbios com outros alunos ou com o treinador acontecem por meio de métodos de comunicação que não requerem uma conexão simultânea. Isto pode se dar pela utilização de fóruns de discussão ou trocas de e-mails.

Os valores transmitidos pelas práticas, pelas lógicas e pelos funcionamentos, têm toda sua importância neste estudo. Eles se pautam no marco teórico desenvolvido na obra *De la Justification: les économies de la grandeur* escrita por Luc Boltanski e Laurent Thévenot, que adaptamos ao contexto da educação artística (RUPPIN, 2014).

A prática criativa reflexiva sensível é entendida como definiu Isabelle Ardouin (1997) e os programas oficiais, ou seja, como a necessidade de uma retrospectiva reflexiva sobre a prática plástica, promovendo, por exemplo, a verbalização do trabalho apontando as diferentes soluções a uma questão plástica colocada. Esta prática criativa reflexiva sensível pode ser encontrada, por exemplo, no ensino pedagógico baseado em projetos, que induz a uma exploração divergente do problema plástico proposto. O estudante escolhe responder plasticamente com uma abordagem singular, utilizando técnicas, materiais, meios e ferramentas de sua escolha. As produções obtidas atestam a riqueza das propostas plásticas feitas pelos alunos e respondem ao problema sensível dado pelo professor. Este tipo de prática elimina assim todas as formas de trabalhos manuais, guiados, decorativos, atividades de cópia, imitação de modelo e produções que levam a um resultado semelhante entre os alunos, o que temos observado recentemente nas escolas primárias do ciclo 1 ao ciclo 3.

---

2 Da região de Lyon, França. A quem chamaremos de PE

Os desafios epistemológicos da educação artística foram desenvolvidos, em específico, na obra de Dominique Poulot, Jean-Miguel Pire e Alain Bonnet intitulada *L'éducation artistique en France, des modèles académiques aux pratiques actuelles* (2010), em que se diz que as artes visuais constituem "uma forma genuína, obrigatória, fundamental e universal de educação, com um programa dedicado e avaliado. Ela reúne todas as formas de expressão artística e todas as áreas estudadas na escola primária". Entendemos a importância desta disciplina.

### **Resultados: Constatações e Resultados**

Até que ponto os professores podem fazer com que seus alunos pratiquem as artes visuais e quais lógicas estão disponíveis para eles em um contexto de redução de tempo de curso?

Constatamos que os instrutores têm várias possibilidades pedagógicas na organização de seu módulo de curso "Ensino de Artes Visuais" de uma duração média de 12 horas por ano. Estas possibilidades diferem em função das decisões e da lógica de funcionamento de um Instituto Nacional Superior do Professorado e da Educação para outro (novo nome desde 2019), que anteriormente era chamado Escola Superior do Professorado da Educação. Por exemplo, a decisão de utilizar o ensino híbrido, alternando aulas presenciais e ensino à distância, torna difícil, se não impossível, a prática plástica e a verbalização coletiva dos trabalhos dos alunos. A instituição pode aplicar uma lógica de ensino para concursos em que o treinador é obrigado a dedicar três quartos do módulo de artes plásticas (isto é, 9 horas) à preparação do dossiê para a prova escrita e às provas orais dos alunos; ou pode defender uma lógica de formação acadêmica de Mestrado focada no ensino das artes, na didática da disciplina e na prática plástica reflexiva.

Para as artes plásticas, a legitimidade do sistema de ensino à distância surge e questiona a escolha que o aluno tem que fazer quando está em formação.

Estas observações de funcionamento e lógica institucional desencadeiam consequências para os educadores de arte e estudantes. Veremos agora os resultados com maior precisão.

A primeira observação de nosso estudo é a dupla dificuldade temporal apontada pelos educadores das artes plásticas. Por um lado, por um lado, eles têm que fazer com que os alunos atualizem seus conhecimentos enterrados (já que a maioria deles não pratica artes plásticas desde o ensino médio), os conhecimentos e know-how "não muito bem dominados" (verbatim do professor 1), e a segunda dificuldade, por outro lado, é ensiná-los um tempo cada vez mais curto diante das reformas, tempo que é "necessário para o amadurecimento e para a desconstrução de representações muito fortes" (verbatim do professor 1).

Os resultados das entrevistas com professores de artes plásticas indicam claramente a necessidade de não se dizer "absoluta necessidade" (verbatim do professor 2) de uma prática criativa reflexiva no ensino das artes para entender, por exemplo, como e por que usar estas ou outras ferramentas, para usar este meio em vez de outro, ou que técnica escolher e com que finalidade.

Cinco dos seis professores entrevistados são unânimes em considerar que um aluno não pode ser ensinado a praticar as artes plásticas na escola se o professor ou futuro professor não tiver tido tempo de testar, de operar com o material, de experi-

mentar todas as possibilidades plásticas, para que ele possa responder a um determinado problema plástico que lhe foi colocado.

Neste estudo, não questionamos nenhum dos dispositivos colocados em prática, simplesmente interrogamos os atores da área e nos inclinamos sobre os valores e lógicas que alguns dos cursos de treinamento propostos podem transmitir e que podem ser encontrados em discursos oficiais (a conferência de encerramento do *Parcours d'Education Artistique et Culturelle* filmado e transmitido on-line, textos fundadores), os discursos dos professores de artes plásticas e os discursos dos estagiários e dos novos professores. Assim, neste contexto de pesquisa, nós constatamos que alguns Institutos Nacionais de Ensino Superior oferecem há quatro anos uma preparação à distância para o concurso para admissão à profissão docente, sem qualquer prática plástica presencial em suas instalações. Este treinamento oferece aos alunos uma preparação em forma de cursos híbridos, ou seja, algumas horas de instrução presencial (cerca de dois dias em meados de setembro e um dia em maio para uma simulação da prova oral), e a maior parte da preparação (cerca de 300 horas) é realizada inteiramente à distância, por um computador e uma rede digital.

Assim, além dos professores-pesquisadores que aceitam ampliar suas responsabilidades e atividades acadêmicas, alguns deles se veem obrigados a dar cursos à distância. Podem existir muitas razões pessoais para isso, como o aumento de um pouco do seu salário, como pode melhorar sua trajetória profissional, etc.

O ensino das artes plásticas online requer uma nova forma de organização do trabalho do professor, com exigências que são próprias dele, tais como uma maior disponibilidade. Enquanto em alguns estudos, os professores veem o ensino à distância como uma forma de ganhar tempo de trabalho realizado dentro da instituição, da nossa parte, os educadores entrevistados neste estudo expressaram a responsabilidade de ensinar e tutorar à distância como sendo demoradas principalmente à noite e nos fins de semana, e que esta atividade não é valorizada financeiramente em vista de seu investimento de tempo. Nenhum dos professores entrevistados mencionou a eventual vantagem da economia de tempo.

Mais precisamente, cada professor, voluntário, é oferecido uma dotação orçamental global para capacitar os estudantes durante todo o ano, por meio de um acompanhamento contínuo dos e-mails, correções em período noturno e ajustes reflexivos à distância, em especial no que diz respeito à redação do dossiê apresentado na prova oral de artes plásticas. A redação feita por estudantes que a maioria dos professores nunca conheceram. Em nossa análise, uma lógica contábil emana do sistema: o estudante paga por sua capacitação, o volume horário é dividido entre as disciplinas, e o professor de artes plásticas deve assegurar à distância um conteúdo que deve, pelo menos em parte, ser baseado na prática e reflexividade das artes plásticas de quando ensinadas presencialmente.

Idealmente, o aprendiz aprende com seus pares, ao desconstruir suas concepções iniciais quando confrontadas com as dos outros, e, em seguida, ele reconstrói novos conhecimentos através da prática concreta das artes plásticas, por exemplo, a mistura de cores, a manutenção da argila, a problemática do equilíbrio, as características plásticas e físicas dos materiais utilizados, etc. A noção de distância pedagógica desenvolvida no estudo de Westberry e Franken<sup>3</sup> se opera. A ausência do professor no acompanhamento de prática plástica implica riscos de interpretações errôneas do esperado, ou mesmo o surgimento de um sentimento de insegurança pedagógica que, às vezes, pode facilmente exceder o limiar crítico do que é tolerável para o aluno

(aparência de um sentimento de isolamento e negligência no aluno).

Isto nos leva de volta à preocupação central, oculta, mas não obstante alarmante, dos professores entrevistados: como ensinar as artes plásticas corretamente aos alunos, quando não estão totalmente reunidas as condições para conseguir ancorar de forma sustentável as práticas fundamentais das artes plásticas que serão (ou deveriam ser) então transmitidas e adaptáveis às várias gerações de alunos da escola primária?vv

Vários professores evocam a “única maneira de aprender a ensinar” (citação dos professores 1, 2 e 3), a de dar aos alunos tempo para experimentar práticas, para testá-las fisicamente para poder compreendê-las: “Enquanto a prática não tiver sido incorporada, o conteúdo disciplinar permanece distante, apenas em plano teórico.” Podemos nos referir à noção do grau de contato que uma pessoa teve, ou pode ter, com um conjunto de conhecimento que pode ou não ser disseminado na sociedade (Chevallard, 2008; Ladage 2008). Para aprender, é preciso entrar em contato com as respostas às questões levantadas pelo objeto de aprendizagem, particularmente através da prática artística. O grau de contato com a prática é crucial, determinante, para o aprendizado.

Paradoxalmente, os trabalhos de Françoise Paquienséguy e Carmen Perez-Fragoso (2011), mencionam que alguns professores entrevistados alegaram, desde o início, que consideravam os cursos online não são apenas de qualidade pedagógica igual aos cursos presenciais tradicionais, mas também mais eficazes, o que levanta questionamentos em nossa investigação sobre o ensino de artes plásticas a estudantes não-especialistas. De fato, em termos de eficácia, o professor tem que gastar muito mais tempo explicando via Internet, pois o estudante online não é confrontado com as apresentações orais de seus colegas de turma e, com isso, não é capaz de captar e reinvestir os elementos ouvidos e vistos para remediar sua própria redação do dossiê.

Ao que parece, a hibridização dos cursos é uma ferramenta que precisa ser repensada a fim de ser mais adaptada à particularidade do ensino das artes plásticas. Por exemplo, reservando o ensino à distância para conteúdos teóricos e contribuições culturais. O ensino presencial, por sua vez, da ordem de um mínimo de 70% do tempo de formação, seria dedicado à prática plástica reflexiva e apresentações orais para aprendizagem entre pares. Seria interessante estudar a fundo qual seria o ponto de equilíbrio e de satisfação tanto para o professor quanto para os alunos.

A hibridização dos cursos vista como meio de conciliar a sua vida pessoal, o seu trabalho e o seu projeto profissional como estudante é, certamente, consensual, mas e para o professor?

Quais desafios fundamentam a lógica institucional? É para a aprovação no concurso de professor escolar, ou melhor, com o objetivo de ser bem sucedido na carreira como professor e de seu ensino de artes plásticas? Dado que os desafios são diferentes.

Durante muito tempo me recusei a lecionar no modelo de o ensino à distância e, em algum momento, fiquei sem escolha. No que diz respeito às aulas em

---

2 Distância pedagógica: explicando o desalinhamento em atividades de aprendizagem on-line orientadas por estudantes usando a Teoria da Atividade (Original do inglês: Pedagogical distance: explaining misalignment in student-driven online learning activities using Activity theory.) Revista Teaching in Higher Education, 2015.

formato de palestra, eu disse “não quero uma dar aulas em palestras em artes plásticas”. Foi-me dito: “ah, mas nesse caso você não recebe essas duas horas de volta nas aulas em formato de tutoriais”, é que vamos dar essas duas horas de aula em palestras a outra pessoa, para uma outra disciplina, então eu fiz as duas horas de aula de palestra, assim como fiz as duas horas de ensino à distância para outro módulo, mas isso diz respeito apenas a 15% do treinamento. (VERBATIM DO PROFESSOR 4).

As palavras do professor são bastante interessantes, indica claramente, por um lado, a dominação da lógica pedagógica por uma lógica econômica e, por outro lado, menciona outra situação que podemos encontrar no ensino superior, a de uma hibridização parcial de cursos à distância que representam menos de um quinto da formação total, portanto mais humana que uma hibridização de 90% dos cursos previstos em nosso primeiro exemplo anterior.

Podemos nos perguntar como o estudante candidato ao concurso – que possua uma licença disciplinar ou não disciplinar, não na área das artes, que não tenha experimentado as artes plásticas e que tenha que desenvolver o conteúdo de seu dossiê para a prova oral de artes plásticas com a ajuda de palestras ou cursos à distância – pode estar ciente das questões que devem ser levantadas e dos obstáculos que os estudantes devem superar para ter sucesso em sua aprendizagem e para que a sequência proposta seja frutífera.

Este mesmo professor desenvolve outro exemplo de lógica estudantil que nos permite compreender melhor o funcionamento do treinamento: “Não tenho a impressão de que o que é exigido dos candidatos que se preparam para o concurso na opção de artes visuais durante a prova oral, não tenho a impressão de que o que se espera deles possa realmente ser construído por meio da prática reflexiva.”

O professor 4 difere dos professores 1, 2, 3, 5 e 6. Ele se expressa da seguinte forma:

A pressão sobre os jurados é sobre outro conteúdo que não o produzido no atelier. E há também a pressão dos próprios alunos do mestrado. Em minha cidade, no primeiro ano do Mestrado, já preparamos os alunos para a aplicação profissional que eles têm como estagiários, mas os alunos do Mestrado pararam de vir, e disseram “Não, estamos viemos ao primeiro ano do curso de Mestrado para revisar para o concurso, o que vem em seguida, veremos depois”. Aceitamos o absurdo de ser treinado em um negócio complexo em seis meses. É assim que vai ser, mas como estudante de mestrado do primeiro ano, minha prioridade é o concurso. O resultado: há uma falta de interesse em cursos interessantes que não são voltados para o concurso, mas há uma abundância de pessoas nos cursinhos privados de preparação para o concurso. Meu instituto é um “curso preparatório”, caso contrário, perderíamos nosso público. (IDEM)

Esta lógica de mercado correspondente à oferta e demanda não é um caso isolado, mas outros institutos funcionam de maneira diferente, e dão prioridade à obtenção do mestrado e não ao concurso: “no Instituto de P., não temos que preparar oficialmente os alunos para o concurso, preparamos um mestrado universitário”. (verbatim do professor 3).

Se resumirmos estas declarações enquanto continuamos a linha de raciocínio, em uma turma preparatória, nós realizamos um concurso. Há preocupações que têm

prioridade, independentemente dos esforços dos colegas ou da administração para fazer o contrário. Em particular, poderia ser uma questão de mascarar a situação paradoxal que é a de confundir a lógica do mestrado, que é uma formação de longo prazo, com a lógica do concurso.

Assim, tanto o professor quanto o aluno são colocados num espaço um tanto paradoxal, para não dizer absurdo, um espaço que faz os alunos sofrerem intelectualmente. Alguns chegam no curso de formação sem se tornarem professores, assim como outros chegam no ensino sem terem passado pela formação.

Esta lógica, qualificada por alguns professores como “absurda”, deve ser, portanto, no mínimo, esclarecida. O professor 6 acrescenta: “Não devemos confundir preparação para o concurso, que pode utilizar todos os tipos de recursos, com a preparação profissional, que somente pode ser comparada a uma atividade profissional. Não se aprende a nadar cinquenta metros de uma piscina.” Isto estranhamente ecoa as palavras de outro professor, que compartilha conosco “sua metáfora favorita”: “No Instituto, basicamente aprendemos a nadar sobre um banco”.

O que nos questionamos nestes retornos é a redundância do discurso que encontramos no dos professores e que ouvimos nas conferências oficiais. Tomemos, por exemplo, a declaração de Robin Renucci, artista e diretor francês, quando abriu a conferência de encerramento do PEAC<sup>4</sup>, onde referências semelhantes se cruzam:

A educação artística e cultural responde a um desafio ainda mais fundamental, qual seja, a construção dos indivíduos, (...) é num contexto geral contra o pensamento reduzido a slogans, contra a demagogia descomplexada, contra a barbárie sangrenta, que reside nossa esperança na educação artística e cultural. Como uma verdadeira descoberta e apropriação do mundo simbólico que constituem a arte e a cultura, a criação estética e, sobretudo, sua prática.

É necessário se especificar que, quando falamos em educação artística e cultural, não estou falando apenas de um planejamento marginal do nosso sistema educacional: alguns minutos de um atelier artístico no final do dia para relaxar ou para recuperar os alunos que desistiram, nem de uma abordagem estritamente disciplinar como a história da arte, pela qual tenho o maior respeito, mas bem, a história da natação nunca ensinou ninguém a nadar. (...) Quando falo em formação, refiro-me a um curso real de iniciação que permita a cada pessoa viver uma experiência estética real e não a algumas horas dispersas de um módulo pedagógico mal articulado que serviria apenas para dar a si mesmo uma boa consciência. No que diz respeito à educação, quando haverá uma verdadeira capacitação na condução de projetos artísticos e culturais nos Institutos para os futuros professores das escolas? Muito poucos Institutos<sup>5</sup> realizaram deliberações nesta área, sem dúvida é necessário avançar um pouco mais rapidamente? (RENUCCI, 2015).

Paralelo ao nosso estudo, se nos debruçarmos sobre a forma como estudantes ou professores usam os recursos digitais para encontrar soluções para seus problemas profissionais, isto constitui outra forma de uso para além do da formação por meio digital. Como tal, estudamos os usos de meios digitais para desenvolver certas

4 Itinerário de Educação Artística e Cultural (PEAC - Parcours d'Education Artistique et Culturel), Paris, 14 de dezembro de 2015.

5 Instituto nacional superior do professorado de educação.

formas de educação, especialmente a educação à prospectiva dentro de um contexto interdisciplinar que tende à transversalidade das artes plásticas (RUPPIN; SAFADI, 2020); mas também para buscar soluções e meios de fazer verbalizar os estudantes, de dar-lhes voz, para que eles possam se expressar e criar sua cidade do futuro por meios gráficos e digitais (RUPPIN, SAFADI, ZARAGORI, 2019). O uso da mídia digital na coleção de referências textuais, artísticas e culturais possibilitou a realização de reuniões, possibilitou encontrar ideias para os alunos, mas também para o professor. O uso de suporte digital nas aulas também inclui a visualização de vídeos, por exemplo, para mostrar uma transformação de uma cidade no futuro<sup>6</sup>, ou para se projetar na modelagem de edifícios e sua animação em vídeo<sup>7</sup>.

Com relação aos estudantes, outro professor compartilha sua experiência com os estagiários e a seu uso da tecnologia digital:

A utilização da tecnologia digital como recurso pelos estagiários é extremamente pobre e remota. O que eles fazem é: pegam arquivos prontos da Internet, estes são obtidos por tempo... e aplicam um protocolo sem qualquer distanciamento crítico, e aí há sim um problema real. Eles pensam que há uma infinidade de recursos, mas, ao mesmo tempo, eu penso que não existem muitos deles, que sejam, em si, bons recursos. Há trabalho a ser feito para conscientizar um aluno do que é um bom recurso (VERBATIM DO PROFESSOR 5).

Isto nos leva a refletir sobre o uso de recursos on-line. O professor 6 nos elucida sobre o assunto:

Também está ligado aos diferentes coortes que temos, no primeiro ano do programa de mestrado, quando olhamos para as estatísticas de consulta dos cursos, e para as de conclusão dos tutoriais propostos na FOAD<sup>8</sup>, nós ainda temos uma porcentagem que não é muito ruim, não vou dizer que é boa, mas não é ruim. Ainda estamos na questão do treinamento para o concurso, estamos na fase de preparação, tentamos fazer um mínimo de estudo por este meio. Quando temos professores estagiários da competição interna, a consulta de documentos on-line é próxima de 0, em média. Ou seja, no final do ano, penso que em uma coorte de professores estagiários para a competição interna, o tempo total de consulta não ultrapassa uma hora por pessoa, um pouco menos em média, o que levanta um certo número de questões, quando vemos que, no mesmo público, eles irão montar modos de troca por uma plataforma, por e-mails, para comunicar suas estratégias entre os colegas. Mas na realidade, para os concursos internos, o fato de nós os confrontarmos nos cursos que podem ser realizados à distância, com artigos científicos, por exemplo, com pouca exigência em termos de reflexão, e não apenas em termos estratégicas, não os convém. Isto também está ligado à sua trajetória dentro da instituição acadêmica. Nós não capacitamos pessoas que se tornarão professores de preparatórios, e então da perspectiva da intelectualização,

6 cf. Vídeo online do trabalho de Luc Schuiten: <https://vimeo.com/110666490>

7 Veja <https://www.youtube.com/watch?v=3K1teQ2Ex60> (projeto Arquitetura, Arte e o Digital realizado pelo Instituto Francês de Educação – Escola Normal Superior de Lyon).

8 Formação aberta e à distância (FOAD: Formation ouverte et à distance, no francês.)

talvez alguém pense que os desafios sejam menores, mas isto não é verdade; mas talvez ainda se tenha maior necessidade de se refletir sobre as práticas, e isso não é necessariamente o que funciona melhor com os resultados dos concursos internos. (VERBATIM DO PROFESSOR 6).

Para enriquecer a reflexão, uma estudante de um Instituto compartilhou sua experiência em nome da turma de 2018-2019. O relatado por ela também revelou e confirmou a mesma dualidade existente nos discursos dos professores:

Eu penso que é ao nível da formação que é bastante complicado. Como estudante no momento, que temos o aspecto do concurso, isso nos preocupa enormemente, pelo menos eu falo pela minha promoção; em geral, sentimos que uma turma é difícil de administrar para nós porque o Instituto nos diz: "não preparamos você para o concurso, não estamos aqui para isso, não somos um curso preparatório", exceto que estamos preocupados com isso, pois sabemos que há um número limitado de vagas e que, para ensinar, nós temos que passar naquele concurso, para conseguir pelo menos a posse. E, por outro lado, nós nos preparamos, estamos fazendo coisas interessantes no nível da teoria, da generalidade, mas não somos especificamente preparados para como nos tornar professores no primeiro ano do Mestrado. Em muitas disciplinas, nós não sabemos como construir um curso com profundidade. E nós, nós podemos sentir perdidos, pois, ao mesmo tempo, nós preparamos para o concurso então nos sentimos um pouco sozinhos, e ao mesmo tempo, se tomamos posse, ou seja, termos a chance de nos tornar um professor das escolas preparatórias, nós não sabemos como vamos administrar o fato de nos encontrar, em setembro, já responsáveis por uma turma na qual talvez não tenhamos visto didáticas o suficiente em muitas disciplinas (UMA ESTUDANTE DO INSTITUTO, 2019).

De fato, se a compreensão da disciplina de artes plásticas passa pela prática, e se a formação inicial é praticamente desprovida de prática, e se as formações continuadas, dentro do ensino das artes plásticas, são incomuns e não obrigatórias para os professores das escolas nesta área, entre as atividades pedagógicas propostas pelos distritos escolares primários, a questão que se coloca é como, do ponto de vista praxiológico e ergonômico, o futuro professor ou novo professor da escola ensina as artes plásticas?

Minhas observações em várias turmas e escolas da região de Lyon nos últimos três anos me permitiram identificar diferentes variáveis, e uma tipologia de atividades ligadas à noção de lazer criativo (exemplo de pedidos de criação de um professor do 3º ciclo, aos seus alunos: cartão pop-up com flores centrais, e na semana seguinte a criação de um cartão cascata), em que cada aluno chega milimetricamente ao mesmo resultado de criação. Outras atividades relacionadas a uma certa formalização (por exemplo: uso da pintura e estêncil para escolher entre três possibilidades, desenhos em imitação de efeitos óticos guiados por tutoriais na internet etc.), com um lugar da forma escolar preponderante, no sentido de Gui Vincent, que escreveu sua tese sobre a escola primária francesa em 1980. Noção de Forma escolar característica de uma estrutura às vezes apertada, guiada, ou mesmo sequências "chave na mão" (ou prontas) não-oficiais, obtidas da Internet, produzidas por professores escolares

que desejam compartilhar suas sequências, por exemplo.

Isso nos leva à questão, desenvolvida durante o seminário no Instituto Francês de Educação intitulado *S'autoriser aux enseignements artistiques*<sup>9</sup>, para entender por que os professores escolares se "inibem" (aqui pela utilização de recursos digitais prontos que acabamos de listar acima) ou não se autorizam a ensinar as artes plásticas através de uma prática criativa reflexiva sensível. Nesta ocasião, nós apresentamos nossos resultados e categorizamos as diferentes práticas dos professores. Algumas delas foram bem distantes das recomendações oficiais, particularmente no que tange a implementação de atividade ocupacionais, manuais, utilizando tutoriais a ser seguidos por uma interface digital, ou de sequências, maneira de um pintor. As estratégias de professores de recorrer à internet para encontrar uma sequência flash torna palpável a tensão entre os dispositivos de aprendizagem ligados à forma escolar (planilha de preparação orientada) e os modos de pensar ligados às artes (abertura e flexibilidade nos valores transmitidos, autonomia nas escolhas plásticas, compreensão do fato artístico).

A lógica ministerial que parece ter persistido por vários anos poderia ser descrita como uma lógica contábil, "economia de meios", especialmente quando vemos a redução da formação em artes plásticas, mas também quando do aparecimento de cursos de preparação, de ensino à distância, de cursos híbridos, que questionam o limitado espaço presente da prática plástica em um contexto onde os alunos estão se preparando para o concurso. Esta lógica contábil parece comprometer as condições para o ensino das artes plástica e nos questiona sobre a transição da Escola Superior do Professorado para o Instituto Nacional de Educação Superior, em uma abordagem prospectiva do ensino das artes plásticas. Em seu livro *Savoir anticiper* (ESF, Formation permanente, 1999), Philippe Gabilliet resume bem a ideia de prospectiva como uma abordagem sistêmica, isto é, de propor a apreensão de realidades, não cortando-as, mas através do conjunto dos seus aspectos, de todas as suas variáveis e de suas inter-relações. Essa abordagem incorpora uma dimensão temporal longa, inclui passado e futuro, bem como os fenômenos de descontinuidade e de rupturas. Este termo deve ser entendido no sentido de reforma e de inovação por meio da formação híbrida.

## Conclusão

À questão: Como os educadores de arte adaptaram seu ensino para capacitar os alunos? Acontece que as escolhas drásticas tiveram que ser feitas pelos professores: pelo menos uma ou duas sessões foram mantidas para a prática, depois o restante das horas (menos de 10 horas) foi dedicado às apresentações orais dos alunos para a preparação do dossiê apresentado na prova oral do Concurso de Professores das escolas. Consequentemente, a partir da criação das Escolas Superiores do Professorado em Educação foram em 2013, os professores de arte tiveram que começar a reduzir a prática artística formativa reflexiva para os estudantes.

Este estudo nos permitiu propor pistas de reflexão que merecem ser aprofundadas, e permitiu refletir conjuntamente, por um lado, sobre a questão temporal da

---

<sup>9</sup> De 19 de junho de 2018, organizado por Gilles Boudinet e Jean-Charles Chabanne, e com a participação de Laurence Loeffel, inspetora geral da educação nacional.

formação (sua duração, seu volume de carga-horária distribuída no tempo) e, por outro lado, possibilitou também a reflexão sobre a necessidade de uma verdadeira prática criativa reflexiva por parte do aluno, paradoxalmente excluída dos métodos de preparação do dossiê do concurso para a prova oral de artes plásticas. Este último se torna quase inexistente quando o volume anual da formação nas artes plásticas é da ordem de dez horas. Por outra perspectiva, isto nos permitiu questionar a legitimidade do sistema de cursos à distância, da hibridização digital dos cursos no contexto do ensino de artes plásticas em uma ótica de formação a longo prazo do futuro professor.

Finalmente, neste contexto paradoxal do ensino, e para abrir nossas pesquisas, podemos ainda falar de desafios comuns quando eles diferem, especialmente entre os desafios ministeriais e os desafios pedagógicos dos professores?

### **Referências Bibliográficas**

ARDOUIN, I. **L'éducation artistique à l'école, Pratiques et enjeux pédagogiques, ESF, 1997.**

BOLTANSKI, L. ; THÈVENOT, L. **De la Justification, les économies de la grandeur, Gallimard, 1991.**

GABILLIET, P. **Savoir anticiper, ESF, Formation permanente, 1999.**

JACQUINOT-DELAUNAY, G. ; FICHEZ, E. **L'université et les TIC: chronique d'une innovation annoncée, 2008.**

LADAGE, C. **L'hybridation dans l'enseignement universitaire pour repenser l'articulation entre cours magistraux et travaux dirigés. Revue internationale de Pédagogie de l'Enseignement Supérieur, 32-2, 2016.**

PAQUIENSEGUY, F, & PEREZ-FRAGOSO C. **L'hybridation des cours et l'intégration de l'injonction à produire. Distances et savoirs, 4-9, 2011.**

PERAYA, D, CHARLIER, B, & DESCHRYVER, N. **Une première approche de l'hybridation. Education & Formation, e-301, 2014.**

POULOT, D, PIRE, J-M, & BONNET, A. **L'éducation artistique en France, des modèles académiques aux pratiques actuelles. PUF Rennes, 2010.**

RUPPIN, V. **Les arts plastiques en France : une discipline scolaire en mutation, Spirale, 58, 2016.**

RUPPIN, V. **De l'art que l'on dit à l'art qui se fait : étude menée dans les classes à projets artistiques à l'école primaire. Revue des Sciences de l'éducation, 40,**

2014.

RUPPIN, V. ; SAFADI, S. **Construire un « à-venir » ? Tout est dans la manière. Usage de la modélisation dans l'enseignement des arts plastiques, PU Rennes, sous presse 2020.**

RUPPIN, V, SAFADI, S, & ZARAGORI, A. **How to mobilize visual arts as a form of citizen expression In YearBook: Student Voice in education, CIDREE Consortium of Institutions for Development and Research in Education in Europe, 2019.**

**VINCENT, G. L'école primaire française, Lyon, PUL, 1980.**

WESTBERRY, N, & FRANKEN, M. **Pedagogical distance: explaining misalignment in student-driven online learning activities using Activity theory. Revue Teaching in Higher Education, 2015.**